



**USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO**  
Veículo: Comunique-se  
Data: 30/06/2016  
Caderno/Link: <http://linkpublico.comunique-se.com.br/MonitorWeb/43778737/Clipping>  
Assunto: Amazônia perturbada



## Amazônia perturbada

Guaruba, uma das aves amazônicas ameaçadas: o Pará abriga cerca de 10% das espécies de pássaros do mundo, muitas delas existentes só ali

A melhor maneira de proteger a Amazônia e outras florestas tropicais é impedir seu desmatamento. Por isso, a maior parte das ações de preservação consiste em evitar que mais áreas verdes sejam transformadas em pastos ou plantações. No entanto, uma série de outras intervenções humanas dentro das matas pode ter um efeito tão devastador quanto a derrubada de porções inteiras de vegetação, alerta um amplo estudo publicado na edição de hoje da revista especializada Nature.

Coordenada por Jos Barlow, a pesquisa é assinada por 29 especialistas de 18 instituições de pesquisa, várias delas brasileiras, e reúne dados coletados nas regiões de Paragominas e Santarém, no Pará, estado que abriga 25% da Floresta Amazônica. Durante anos, observou-se o impacto que atividades como caça, extração seletiva de madeira e queimadas geram sobre 1.538 espécies de plantas, 460 de pássaros e 156 de insetos. A conclusão é que, somadas, essas perturbações geraram, desde 1988, um prejuízo ambiental equivalente ao desmatamento de uma área entre 92 mil e 139 mil quilômetros quadrados.

"Nós fornecemos uma evidência contundente de que as iniciativas de conservação das florestas tropicais devem levar em conta tanto o desflorestamento quanto as perturbações no interior das florestas", afirma Jos Barlow em um comunicado. "Sem uma ação urgente, a expansão da extração de madeira e a ocorrência de queimadas estimuladas pelas mudanças climáticas induzidas pelo homem devem tornar as florestas cada vez mais degradadas, conservando apenas uma fração da maravilhosa diversidade que um dia abrigaram", completou o principal autor, pesquisador da Universidade de Lancaster, no Reino Unido, e do Museu Paraense Emílio Goeldi e da Universidade Federal de Lavras (Ufla).

Um dos autores do trabalho, Adriano Venturieri, chefe-geral da Embrapa Amazônia Oriental, explica que as ações analisadas no estudo não são necessariamente ilegais. Foram consideradas, por exemplo, as extrações seletivas de madeira em áreas onde esse manejo é permitido e queimadas acidentais. "O país já é referência no combate ao desmatamento. Esse estudo traz uma contribuição muito grande para o governo brasileiro, para que ele esteja atento também a esses outros fatores", diz ao Correio.



## Deficit

Estudos anteriores tinham analisado o impacto dessas perturbações humanas no interior das florestas, mas esta é a primeira vez que o prejuízo causado pelo conjunto delas é medido. Para isso, os autores compararam a biodiversidade em porções totalmente desmatadas, partes de floresta preservada onde há ação humana e áreas completamente protegidas. Os dados foram inseridos em um modelo matemático que permitiu aos pesquisadores apontar o deficit de valor de conservação (CVD, na sigla em inglês) de cada uma das várias áreas estudadas.

Dessa forma, foi possível ver que partes onde a floresta está de pé, mas sofrem com constantes e pontuais intervenções humanas, também acabam apresentando uma perda significativa de biodiversidade. Por exemplo, a extração de árvores de madeira mais densa para comércio enfraquece a floresta e prejudica o desenvolvimento da mata. Em outros casos, porções preservadas, mas que ficam próximas a pastagens, se tornam mais suscetíveis a queimadas.

"As florestas tropicais são um dos mais preciosos tesouros biológicos da Terra. Ao focarem a extensão delas sem prestar atenção à sua saúde, as estratégias de conservação nacionais e internacionais estão, inadvertidamente, colocando esse tesouro sob ameaça", acredita Gareth Lennox, analista líder do projeto e pesquisador da Universidade de Lancaster.

Outra preocupação trazida pelo estudo é que a caça ou algum outro tipo de distúrbio em uma determinada área pode representar a extinção de alguma espécie animal endêmica (que só existe ali). Alexander Lees, ornitologista da Universidade Cornell, nos Estados Unidos, conta que esse fato ficou evidente no Pará: "Esse estado abriga mais de 10% das espécies de pássaros da Terra, muitos dos quais são exclusivos de lá. Nossos resultados mostram que esses animais endêmicos são os que mais sofrem, porque eles não conseguem sobreviver em florestas perturbadas".

## Medidas

Para Silvio Ferraz, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz ([Esaq](#)), ligada à Universidade de São Paulo (USP), os dados mostram que ações imediatas são necessárias para combater as interferências nas florestas tropicais do mundo. "Isso é particularmente importante no Brasil, que comporta até 40% da cobertura remanescente", observa. "Esses resultados deveriam servir como um chamado de alerta para a comunidade internacional", completa Toby Gardner, do Instituto de Meio Ambiente de Estocolmo, na Suécia.

Gardner lembra que o Brasil demonstrou uma liderança sem precedentes na desaceleração da desflorestação nos últimos anos. Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostram que o desmatamento anual da Amazônia caiu de mais de 25 mil quilômetros quadrados em 2004 para pouco mais de 5 mil no ano passado. "O mesmo nível de liderança é agora necessário para proteger a saúde das florestas que restam no Brasil e ao longo dos trópicos. Caso contrário, décadas de esforço de conservação terão sido em vão", acrescenta o especialista.

Em um artigo escrito para a Nature sobre o estudo, David P. Edwards, pesquisador da Universidade de Sheffield, no Reino Unido, especula que a situação em toda a Amazônia pode ser mais grave do que a apontada no trabalho, pois não são levados em conta, por exemplo, o impacto sobre mamíferos e sobre algumas importantes áreas de endemismo. Adriano Venturieri, da Embrapa Amazônia Oriental, contudo, ressalva que, generalizações na Floresta Amazônica são sempre muito perigosas, pois cada parte do bioma apresenta uma realidade bastante peculiar.

"Há várias Amazônias dentro da Amazônia", diz Venturieri. Segundo o pesquisador, a ocupação em Santarém e Paragominas tem dinâmicas muito próprias e, por isso, não é possível afirmar que as mesmas perturbações observadas no Pará gerariam os efeitos iguais em outras áreas amazônicas. Ele afirma que a grande contribuição do trabalho, portanto, é mostrar que os programas de monitoramento devem se preocupar com esses fatores ao realizar suas análises.

O especialista destaca a importância de manter ações já adotadas pelo governo brasileiro, como o projeto Terraclass, executado pela Embrapa e pelo Inpe desde 2010 para qualificar o desflorestamento em toda a Amazônia Legal. Segundo ele, dados como o dessa iniciativa poderão apresentar uma visão mais apurada de como vem sendo feita e deve ser a preservação da floresta.

Acordo de Paris  
ainda é pouco

Outro estudo publicado na edição de hoje da Nature, com colaboração de brasileiros, afirma que as medidas previstas no Acordo de Paris, produzido na última cúpula da ONU sobre mudanças climáticas em Paris, não são suficientes para limitar o aumento da temperatura do planeta a 2°C até o fim do século. Se os países não fizerem nada além das metas voluntárias apresentadas por eles no encontro, as chamadas INDCs, os termômetros devem subir entre 2,6°C e 3,1°C até 2100.